

Compre

N.º 11

-6. MAI 2010

LISBOA, 23 DE OUTUBRO DE 1924

ANO I

Director
Oliveira Tavares

Editor
Joaquim Araujo

Propriedade da Empresa
de Publicidade Colonial, L.ª

GAZETA DAS COLONIAS

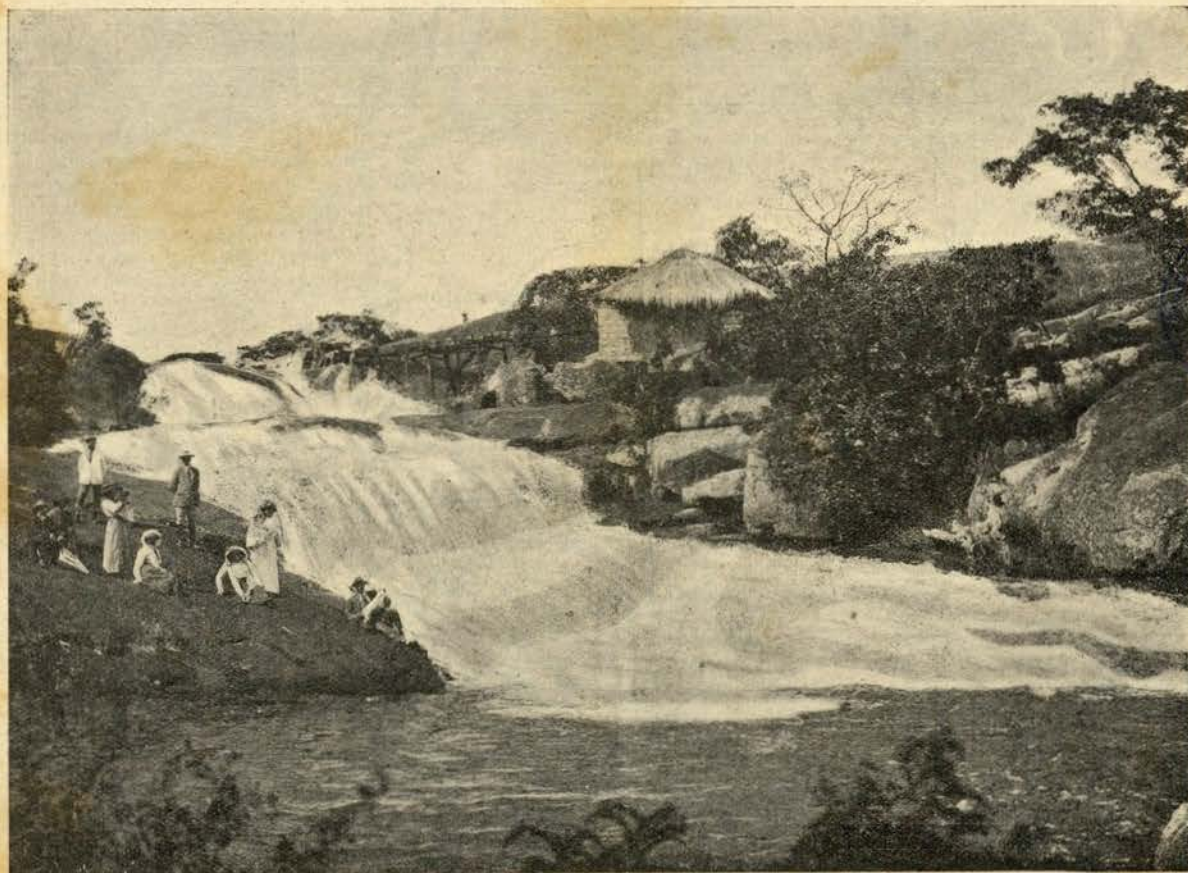
Composto e Impresso
Rua do Seculo, 150

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e Administração
R. Diario de Noticias, 44, 1.º

SEMANARIO DE PROPAGANDA E DEFEZA DAS COLONIAS

PAISAGENS COLONIAIS



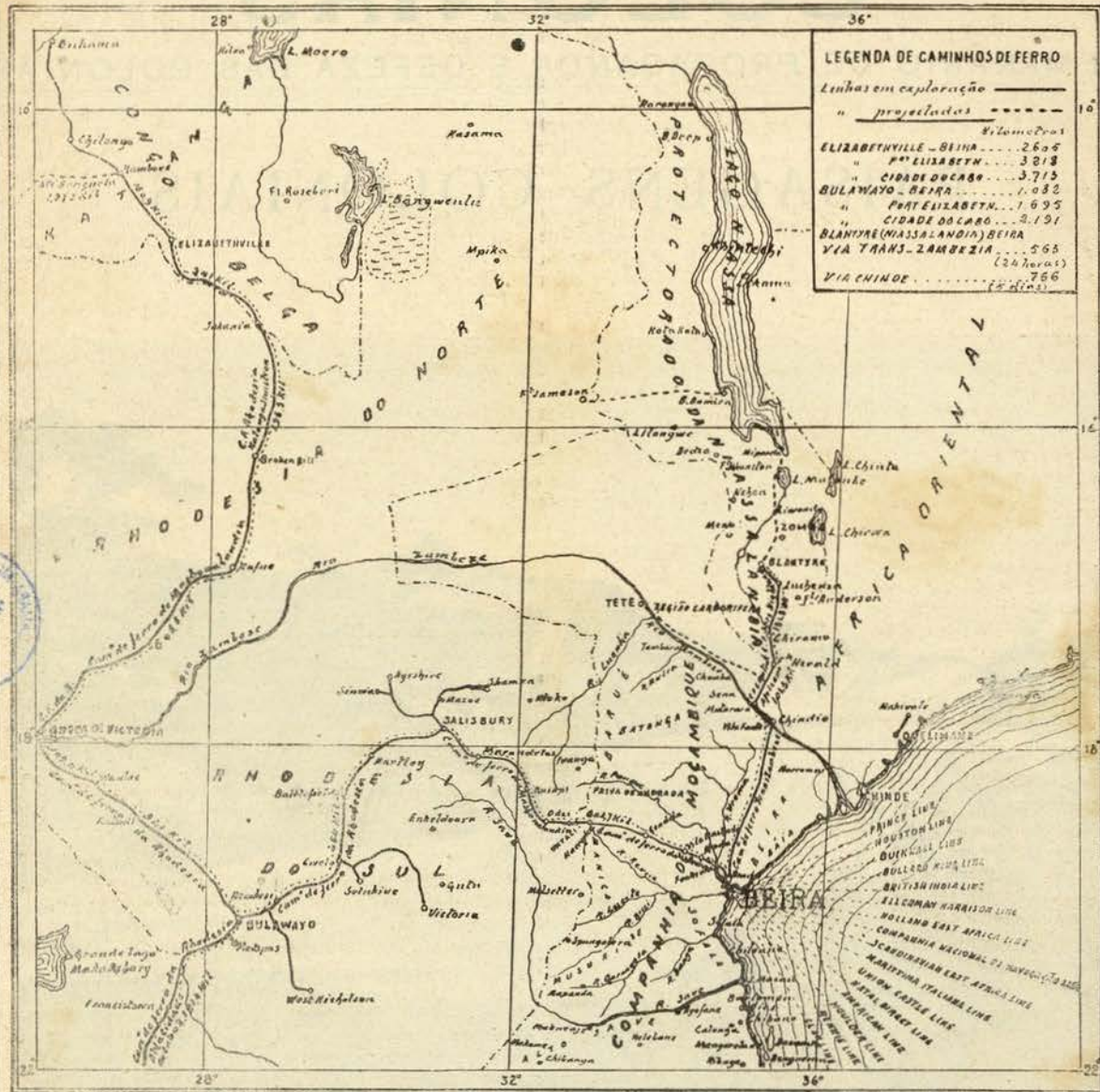
ANGOLA — Queda de agua no rio Quando



Companhia de Moçambique

Comunicações Ferro-Viarias — BEIRA

Porto dos territorios da Companhia de Moçambique e o principal da Rhodesia do Norte e do Sul-Katanga Belga. — Protectorado da Niassalândia e vale do Zambeze



Exportação de milho da Beira

Durante o ano de 1923 foram exportados pelo porto da Beira 1.250.000 sacas de milho. Desse numero 797.000 sacos provinham da Rhodesia e 387.000 do territorio da Companhia de Moçambique. Estes importantes embarques indicam que a Beira está mantendo a sua posição de segundo porto cerealifero da Africa meridional e oriental

A AGENCIA GERAL DAS COLONIAS

O decreto criando a *Agencia Geral das Colonias* e a celeuma que em sua volta se vem fazendo, são uma manifestação iniludível da má orientação que o Terreiro do Paço está imprimindo á administração colonial, e de errado criterio sob o qual essa administração é encarada e apreciada nos meios politicos.

Se não, vejamos. Das oito provincias ultramarinas apenas Angola teve a sua agencia com vida real. O que foi a sua acção, deve saber-se em breve, pois que um inquerito está sendo feito, e a honestidade e integridade das pessoas a quem elle está entregue é garantia de que tudo se apurará. O que, no emtanto, se sabe, é que ela custou rios de dinheiro á provincia e é de prevêr que os resultados obtidos estejam longe de corresponder aos dispendios realísados.

Moçambique criou também a sua agencia, mas esta não chegou a ter existencia real, por certo, porque as necessidades da provincia a não impuzeram como conveniente.

As restantes colonias não tiveram, nem teem, na metrópole qualquer Agencia e, estamos certos, ninguém pretenderá filiar na sua falta as dificuldades com que lutam, nem explicar por ela alguns estranhos fenómenos que na administração colonial se vêem dando e cujos efeitos dia a dia mais se acentuam por fórma a suscitar apreensões e a impôr cautelas.

Pois bem; extinta a Agencia de Angola, criou-se logo em sua substituição um outro organismo, cuja acção se pretendeu generalisar a todas as colonias ainda mesmo áquelas que nunca reconheceram a necessidade de tal instituição.

Fez-se isto, crêmos nós, sem a menor consulta ás colonias, num esquecimento da autonomia que se lhes deu, que se lhes mantém, e que por vezes se deixa exagerar, até além dos limites que a Lei lhe marca e o bom senso aconselha.

Tomou-se uma deliberação destas

sem aguardar a conclusão do inquerito a que se está procedendo, ácerca da acção da Agencia de Angola, cujos resultados, por emquanto *oficialmente desconhecidos*, poderiam orientar sobre a feição que deveria ser dada ao organismo que viesse a substitui-la, caso se reconhecesse vantagem na sua criação.

Houve na realidade uma notavel precipitação na resolução que o sr. Ministro das Colonias tomou e que não corresponde ao espirito nem mesmo á letra do decreto de extinção das agencias, por S. Ex.^a firmado.

As agencias coloniais devem vir a ser convenientes e, porventura, necessarias; mas no presente momento não era a sua instituição, cuja necessidade a maioria das colonias não sugeriu, a medida que mais devia preocupar o governo. Muitos e, infelizmente graves, são os problemas que embarçam o progresso colonial e para esses é que desejaríamos vêr voltadas todas as atenções.

*
* *

Não foi porém pelo lado que nós vimos de encarar, que o assunto foi atacado pela maioria das criticas que provocou; estas quasi só incidiram sobre a pretensa inconstitucionalidade do decreto, por a sua materia não caber nas autorisações conferidas ao governo e já excedidas, em nosso entender ao estabelecer-se a doutrina do art. 3.^o do decreto da extinção, de que o recente decreto não é mais do que a regulamentação.

«E' instituido no Ministerio das Colonias e dependente da Direcção dos Serviços Centrais, um organismo cujas funções serão especialmente de procuradoria das colonias e informações, em contacto directo com o publico», dispõe o citado artigo, e tal disposição não provocou os protestos que agora surgem e que não deixaríamos de filiar no respeito pela legalidade, se não soubessemos que a Agencia de Angola funcionou ostensivamente em

Lisboa, durante 3 anos, sem que se levantasse qualquer reparo sobre a legalidade da sua instituição, nem mesmo durante as violentas discussões que á volta da sua acção se travaram.

Houve também quem deixasse de fundamentar a sua critica no falado atropelo da Constituição, para a baseiar na falta de consulta ás colonias. Está esta maneira de vêr em perfeito acôrdo com o que expendemos; não obstante é de notar que em outros casos em que igualmente as colonias deveriam ser ouvidas, como quando se aumentaram os vencimentos dos membros do Conselho Colonial e noutros casos, elas não o foram, sem que isso tivesse provocado protestos como os que agora appareceram.

Assim sobre uma resolução do sr. Ministro das Colonias, á qual estamos longe de dar o nosso aplauso, surgiram criticas que não primam por imparciaes, e muito menos por coerentes.

Sob tudo isto nós descortinamos a influencia que em tudo se faz sentir — a da politica partidaria, desvendando hoje e expondo como ilegal o que ontem se admitiu como corrente, consoante as suas conveniencias e interesses.

Na luta em defesa desses interesses, que serão muito respeitaveis mas que não podemos pôr acima dos das colonias, se inutilisam energias que ao progresso colonial tanto podiam servir, se originam embaraços que teem as mais prejudiciais reflexas na administração ultramarina, que é mister sanear, a bem do nosso decôrdo e das nossas conveniencias materiais.

E' por isso que lá fóra se diz injustamente que Portugal não tem homens...

Só essa pernicioso orientação poderá justificar que estranhos façam ácerca da nossa vida acerbos comentarios, que nos cumpre repelir energeticamente como Nação independente, mas que temos o dever de evitar como Nação que conhece os seus deveres.

Luso-Colonial, Ltd.^a
ROSSIO, 93, 3.^o
LISBOA

Codigos | Ribeiro
| A. B. C. 5.^a Edição.

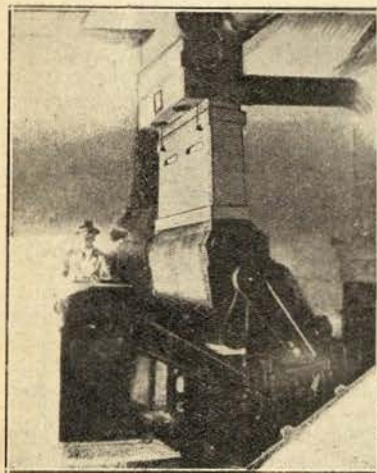
Tele | fone NORTE 812
| gramas MILABREU

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
VINHOS DE CONSUMO E LICOROSOS
CONSERVAS, GENEROS COLONIAIS
Dão REFERENCIAS BANCARIAS — Pedem correspondentes nas colonias portuguezas
Agentes nas principais praças europeias.
Sucursal em ANVERS. Longue Rue Neuve, 16

CULTURA DO ALGODOEIRO

INSTRUÇÕES PRÁTICAS

(Continuação)



Fábrica de descaroçamento e enfardamento de algodão

O desenvolvimento da cultura do algodão, do ourobranco, como lhe chamam, está chamando muito as atenções em Moçambique e oxalá o mesmo aconteça em Angola.

Nos Territórios de Manica e Sofala, está a agricultura local, voltando as suas vistas para o algodoeiro, havendo já nas Circunscrições de Manica, Chimoio e Neves Ferreira, cerca de 5.000 hectares empregados na sua exploração.

VIII — COLHEITA E PRODUÇÃO

- 117—O algodão floresce uns 80 a 100 dias depois da sementeira. Em todo o caso, pode-se admitir que o ciclo vegetativo dos algodoeiros cultivados entre nós se produz de 5 a 6 meses aproximadamente.
- 118—A maturação, por igual das maçãs é condição de não somenos importancia porque facilita a colheita e barateia sensivelmente a produção.
- 119—Quando se faz a colheita do algodão, convém usar os cuidados precisos para não sujar o produto com cisco, terra, folhas secas ou outra qualquer especie de residuo, que muito o deprecia.
- 120—E' prudente que a colheita seja feita quando o orvalho da manhã esteja dissipado, porque essa humidade viria a prejudicar o produto.
- 121—Quando os flocos do algodão forem colhidos ainda humidos do orvalho é indispensavel uma exposição ao sol, no terreiro, antes de armazenal-o.
- 122—Colhe-se o algodão separando o floco do pedunculo e pondo-o no sacco que o colhedor traz atado á cintura, despejando-se o produto em grandes cestos quando os sacos estiverem cheios.
- 123—Um bom colhedor não colhe menos de duas arrobas de algodão, em média; nenhum colhedor colhe menos de um e meio a dois kgs. de algodão por hora.
- 124—Para colher o algodão, aproveitam-se, além dos operarios adultos, mulheres e creanças, porque trata-se de serviço leve e proprio de gente esperta.
- 125—As produções regulares dão umas 80 arrobas de algodão por hectare, ou seja cêrca de 200 por alqueire. As boas vão muito além dessas cifras, mas ha as excelentes que chegam a dar 400 arrobas e até alguma coisa mais por alqueire.
- 126—Em zonas favoraveis podem ser aproveitadas as soqueiras de variedades proprias. Casos ha em que as soqueiras de hastes cortadas dão grandes produções, permitindo colheitas adiantadas.
- 127—Pensam muitos autores que não convém aproveitar as soqueiras dos algodoeiros herbaceos, porque, além de produzirem pouco, dão fibra ordinaria. Assim sendo, melhor é, pois, queimar os restos da colheita, destruindo-se por essa forma, as pragas que neles pôdem permanecer.
- 128—As observações mandam admitir que as nossas produções são superiores ás de outros paizes algodoeiros, o que constitue uma franca animação para baratear o custo da produção.
- 129—E' difficil dizer quantas maçãs são precisas para obtermos um kg. de algodão em caroço. Variedades ha de que, para isso, são precisas 200 maçãs; outras, porém, com a metade desta quantidade dão um kg. de algodão.
- 130—Para obter uma arroba de algodão limpo são precisos de 49 a 52 kgs. de algodão em caroço, o que dá, mais ou menos, uma média de 30 0/0 de fibras e o resto de caroços.
- 131—O enfardamento em fardos cilindricos é preferido por alguns, porque deste modo o algodão fica mais bem comprimido e apresenta menos perigo no caso de incendio.
- 132—O custo da cultura de um algoal feito a enxada, calculado o jornal do operario a 2\$500, não vai além de 400\$000 por alqueire de terra, excluida a colheita.
- 133—Admitindo-se que a cultura de um alqueire custe 400\$00 e que a colheita da produção de 200 arrobas custe 300\$000, teremos que, em média, cada arroba de algodão ficará em 3\$500 pouco mais ou menos.

(Continua).

Cabo-Verde

O que se tem feito e o que falta fazer

III

COMO se não fôsse pouco vêr gente morrer de fome, pelo elemental principio de não ter pão para a bôca, ainda vem a mortalidade do gado juntarse ao calamitoso estado. E' assim, que uns anos numas ilhas, outros anos noutras, morre imenso gado, o que vai aumentar a penuria da infeliz população.

Em 1917, o gado existente em Cabo Verde, distribuia-se assim, por qualidades e valores:

Bovidos	9.885	no valôr de	451.195\$00
Asininos	12.762	» »	219.704\$00
Capridos	53.632	» »	119.370\$00
Equideos	1.578	» »	27.680\$00
Ovideos	8.003	» »	27.377\$00
Muareos	1.122	» »	99.58\$000
Suides	19.592	» »	212.399\$00

Por aqui se vê que a pecuaria do arquipelago de Cabo Verde, ainda que feita muito á pai Adão, é uma riqueza importante que se não tem amparado, e mais uma vez podemos verificar que do divorcio entre governantes e governados não tem sobrevivendo senão os maiores males para Cabo Verde.

Os rebanhos mais importantes do arquipelago, vagueiam pelos campos fóra, chegando a dar-se o caso curioso dos rebanhos bovinos, principalmente na ilha do Fogo, irem sós de tantos em tantos dias dessecar-se ás nascentes que brotam junto das praias da ilha. Nos anos de chuvas, quer regulares, quer não, as ilhas contempladas cobrem-se de espessos mantos de abundante verdura, que o gado devora, como quer, e até quando quer. A medida que a época das chuvas vai fugindo e vem chegando o tempo dos ventos desabridos, conhecidos pelo nome de brizas, o que não é levado, feito em pó, pela acção do vento e do sol, é quanto o gado ingere, até que emagrecido cai e morre. Nas planas ilhas do Sal, Boa-Vista e Maio, onde as terras calcareas são de prodigiosa produção de pastos, quando não a falta de chuvas, o gafanhoto, destroí as lindas campinas, onde gado de toda a especie vagueia, em rebanhos avultados, tendo para dessecar-se infectas fontes subterraneas.

Na extensa costa sul da ilha de Santo Antão, deita-se toda a especie de gado com determinadas marcas, e no outro ano vai-se á procura das rezes e das crias, ou dos ossos, conforme os casos.

Uma criação de gado, feita assim, não é susceptível de representar uma riqueza solida, nem chega mesmo a ser um meio de riqueza, porque desde que anda ao Deus dará, ninguém pode contar com ela. Todavia, a terra em Cabo Verde, fornece, ou numa ilha ou

na outra, quantidades tão prodigiosas de pastos verdes, que uma vez aproveitados eram uma riqueza fóra do vulgar. Foi isto que nós nunca vimos tentar em Cabo Verde, quer ao Governo, quer aos particulares, fazendo os silos subterraneos onde se conserva, até anos, a forragem verde que o gado depois devora, ou então fazendo os *tourleaux* de erva verde, misturados a um pouco de mel de cana, e que sujeitos á pressão das prensas hydraulicas de tableiros multiolos que se empregam na extracção dos oleos, dão umas pastas que nunca secam, devido á acção do mel, e que o gado apetece vorazmente. E' claro que, como o gado bovino, equino, asinino e muar é o que mais interessa conservar, seria necessario espalhar por todas as ilhas os silos subterraneos, não em função do gado existente, mas da possibilidade da pastagem a armazenar. A titulo de curiosidade diremos que um silo com a capacidade de 373 toneladas de pastos, permite sustentar 217 cabeças de gado grosso, tendo por tipo a rez-bovina, durante seis mezes a 10 quilos de forragem por dia. Por isto se pode apreciar, quanto seria facil e pratico recorrer a este sistema para garantir os gados, contra as crises de subsistencias que os disimam de anos a anos, dando ao mundo a impressão de que os interesses da provincia nos merecem um cuidado muito outro do que aquele de que se sentem os perniciosos efeitos.

Mas, ao mesmo tempo que no geral as creações de gado são o que mostramos, desde ha muito se vem fazendo outras, sem qualquer ajuda official, mas que marcam decididos valores; creemos referir-nos á obtenção das muareos, ramo este, em que o incremento é maior nas ilhas de S. Nicolau, Santo Antão e Fogo, e cujos produtos tem grande valor, não só em todo o arquipelago, mas ainda em S. Tomé e em Angola. O que convinha era, além de se instruirem os proprietarios, que nestas ilhas se dedicam a este ramo da pecuaria ácerca de alguns segredos do officio, conseguir para cada uma dessas ilhas, padreadores finos e recomendaveis. Não é precisamente ouvir falar em cavalos reprodutores, pedi-los e envia-los para Cabo Verde, onde irão almentar o monte de destroços accumulados durante muitos anos de experiencias sem pés, nem cabeça. Nesto importante ramo o que convém fazer é enviar aqueles que tem interesse na criação e que está provado ha muito tempo que no cruzamento de híbridos é a mãe que dá 75 por cento do sangue aos filhos, e sendo assim é a egua que deve vir a ser a mãe das muareos, sendo então precisos garanhões asininos para cruzar com essas eguas, o que da-

rará os mais finos produtos. A advertencia aí fica.

Quanto aos caprinos, nós entendemos que, para se evitar eficazmente a destruição da arborisação é necessario tornar extensivo a Cabo Verde, aquelle principio que a maioria das camaras municipais do paiz adótaram, de não permitirem a posse de caprinos a quem não tenha terreno proprio onde as pastoreie.

Conhecemos Cabo Verde suficientemente para afirmar que, não entrando em linha de conta com a destruição da arborisação, os caprinos são uma receita muito apreciavel para os seus donos, mas também não ignoramos que é precisamente por haver cabras a mais, que, por exemplo na ilha da Boa-Vista onde existiam 21 mil cabras, não se encontra o mais elemental arbusto, sendo preciso coser a propria louca de barro com excrementos secos do gado vacum.

E' portanto uma verdade a destrutivel, que emquanto haja gado caprino a monte, não haverá nunca arborisação em Cabo Verde, mas, como não é licito deixar os seus proprietarios á mingua, bem conveniente seria indenisar todos aqueles que não tivessem ferreiros seus, vedados, para a pastoreação dos caprinos, mandando-os abater e substituindo-os por gado vacum, de muito mais valor e menos devastador.

Como esta medida tem de vir a tomar-se, que se tomasse já, adiantando-se na arborisação.

Repetimos: quem uma vez viu as ilhas de Cabo Verde, após as primeiras chuvas, cobertas de espesso manto de verdura; quem alguma vez viu as extensas campinas das ilhas do Maio e da Boa-Vista, cobertas de pasto verde que ali ficará dessecando-se, não compreende a razão porque até hoje não houve alguém que recomendasse as maquinas do corte da erva, as de juntar e cortar, nem os silos de conservação, nem as pastas melacadas.

Custaria isso um pouco, mas amanhã já se podia dizer que se tinha ensinado e que a população despresara os ensinamentos. O contrario é que não tem justificacão nenhuma.

Lutando contra a rotina, fomos nós quem em 1910, levámos a Santo Antão a primeira charrua, não nos esquecendo a alegria de dois europeus, Dr. Anacleto de Moraes e José Coelho Serra, quando fizeram a primeira lavoura. Mais tarde fizemos iguaes ensaios na ilha do Maio, mas como o gado nunca tinha tirado um carro, nem ao menos andara ao trapiche, nunca conseguimos lavrar, naquelas lindas planicies. Mas, pelo menos, tentámos, o que antes nunca se fizera.

A. Xavier da Fonseca
Eng.º civil

PARCERIA DOS VAPORES LISBONENSES

(Arrendatária das docas e oficinas do Porto de Lisboa)

Serviço permanente de reboques, salvamentos de navios e transportes fluviais de passageiros, bagagens e carga;

Aluguel de cábreas e outros aparelhos de força.

Trabalhos de sondagens e de mergulhadores.

Reparações de navios; limpezas, picagens (manual e a ar comprimido) e pinturas interiores, de costados e de fundos.

Pequenas construções navais (rebocadores, lanchas, batelões, salva-vidas, etc.).

Demais trabalhos navais de todas as especiali-

dades metalúrgicas, de soldadura, de carpintaria de branco e de machado, de calafetos, etc.

Montagens e reparações de instalações electricas a bordo.

Obras hydraulicas.

Fornecem-se:

a) Indicações técnicas, orçamentos e planos.

b) Materiais para todas as obras e trabalhos referidos.

c) Dispositivos especiais para embarcações destinadas ao serviço colonial.

d) Tintas próprias para climas e águas tropicais.

Administração Central: — Cais do Sodré — LISBOA

Telefones

C. 1926	} Administração e serviço de transportes
C. 2992	
C. 1588	

Endereço telegrafico:

“DRYDOCKS,,

A CONSTRUTORA, L.^{da}

Capital realizado: 2.500.000\$00

Séde em LOBITO

CAIXA POSTAL N.º 10

Filial em BENGUELA

CAIXA POSTAL N.º 32

Delegação em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 235, 2.º-Esq.

Telefone n.º 2772

Telegramas | Rodrivalho — LISBOA
Construtora — LOBITO

GERENTES EM:

AFRICA

Sousa Lara & C.^a Ld.
Joaquim Duarte

LISBOA

José Rodrigues de Carvalho
Mariano Machado

Deposito de materiais no Lobito e Benguela

Encarrega-se de construções no Lobito e ao longo do Caminho de Ferro desde o Lobito até ao Bié (Silva Porto) Kilomet o 627



Angola

A QUESTÃO DO RUA-CANÁ

A NUVEM POR JUNO ...

A CÉRCA de umas, já antigas, pretensões sobre as quedas de água no Cunene, nas alturas da Serra de Caná, têm-se nos últimos dias bordado varias versões e espalhado boatos de molde a sobressaltar os ânimos e a agitar a opinião pública.

Felizmente, parece-nos não haver razão para maiores receios, pois o assunto, que aliás tem para Portugal uma importancia que é mister não perder de vista, se mantém no mesmo pé em que ha já bastantes anos foi posto, e que, deve dizer-se, é de absoluta defesa dos nossos interesses.

E' sabido que antes da guerra europeia, quando os alemães eram nossos visinhos na Damara, foram por estes apresentadas umas pretensões de modificação nas fronteiras, de fórmula a conseguirem que o paralelo limite não fosse o que realmente passa na catarata de Rua-Caná, mas outro a montante, do que resultaria ficarem em seu poder as quedas de agua que precedem aquela catarata.

Uma vez despojados os alemães das suas colonias, e integrada a Damaralandia na União Sul Africana, foram por esta manifestadas as mesmas pretensões.

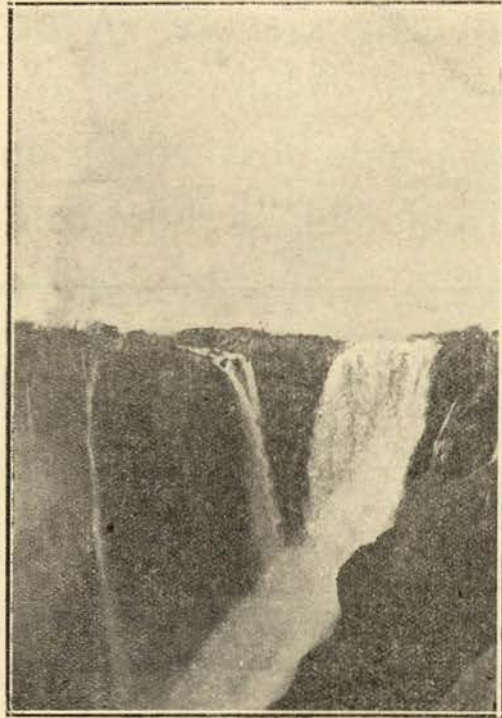
Como antes, os Governos Portuguezes opuzeram a natural recusa a tais desejos e assim se tem mantido a questão, com a simples mudança nos nossos opositores que, sendo agora os nossos velhos aliados, deverão ser por certo, menos propensos a esquecer os nossos direitos, os direitos que com tantos sacrificios sobemos afirmar e defender a seu lado nas desesperadas horas da guerra.

Assim se tem mantido a questão e assim, crêmos, se manterá, sendo até de supôr que, dado o silencio por parte do governo inglês, de vês tenha sido reconhecida a sem razão das pretensões e a inutilidade de as reiterar oficialmente.

Os boatos e sobressaltos deviam porém ter tido alguma origem, que procurámos averiguar.

No Ministerio das Colonias, como já se disse na imprensa diária, des-

curámos, por mera curiosidade, coligir informações dispersas, aproximar factos e conseguimos assim fazer uma reconstituição do que deve ter sido a base dos sobressaltos e que supô-



Catarata Rua-caná (Cunene—Humbe)

mente-se que tenha havido qualquer modificação no estado da questão.

Assim deve ser, pois nem se compreende que se estivesse ocultando a verdade sobre um assunto que tanto interessa o País e em que, estamos convencidos, os governos tem tido uma atitude de nobre intransigencia na defesa da integridade dos nossos dominios.

Tranquilizados por esta forma, pro-

mos não andarã longe da verdade.

Uma entidade portuguesa no decurso duma missão oficial que desempenhou no estrangeiro e que em nada se prendia com o assunto em questão, teria tido ensejo de trocar impressões com um alto personagem da U. S. A. ou que a ela está ligado; nessa troca de maneiras de vêr pessoais, 'seria abordado o assunto das faladas pretensões.

No regresso, o nosso compatriota teria proposto, num excesso de amabilidade para com os nossos aliados, uma solução que lhe teria sido sugerida ou que, o que é menos admissível, traduzia o seu próprio pensamento.

Evidentemente a uma tal proposta (chamemos-lhe assim), provinda duma conversa puramente particular, apresentada por uma entidade que para interferir no assunto não tinha sido chamada, e sendo acentuadamente contrária aos interesses nacionais,

nunca poderia ser dado qualquer caracter official.

E assim foi, e tudo ficou como antes, havendo apenas a registar uma atitude infeliz, que outro resultado não deve ter alem do de irritar as nossas justas suscetibilidades, ultimamente feridas por incorrectas referencias dadas a publico em meios, onde elas não deveriam ser acolhidas.

Estamos convencidos de que o Governo Português, conscio das responsabilidades que lhe cabem, saberá

sempre acautelar os interesses nacionais, resistindo tenazmente ás tentativas officiais que se tenham feito ou venham a fazer-se, e reduzindo ás devidas proporções quaisquer sugestões que officiosamente lhe cheguem.

Assim será; estamos disso convencidos. No entanto, melhor seria que em casos desta natureza não houvesse intervenções descabidas, que nos podem conduzir a situações desagradáveis e originar sérios embaraços, como aconteceu, salvo erro, em 1891...

AOS NOSSOS LEITORES

No próximo número iniciamos a publicação duma série de artigos sobre «A crise de Angola» em que o nosso illustre colaborador, o sr. major Leite de Magalhães, responde aos artigos publicados em **A Tarde**, pelo distinto colonial, sr. Filomeno da Camara.

SOUSA MACHADO & C.^A

SEDE EM LOANDA

ANGOLA--CABO VERDE--GUINÉ--LISBOA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

:: PRODUTOS COLONIAIS ::

:: CEREAIS DE ANGOLA ::

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Representantes privativos na Africa Ocidental Portuguesa da:

FORD MOTOR COMPANY

E. U. A.

Representação e Importação exclusiva de carros de turismo, camionetes, tractores FORDSON, accessorios e sobressalentes

:: FILIAL EM LISBOA ::
RUA GARRETT, 62, 2.^o

FILIAIS NO:
LOBITO
HUAMBO

END. TELEGRAFICOS:
PARA ANGOLA--SOMA
PARA LISBOA--SEGUE

Mas, como para haver rega é indispensavel que haja... agua, manda o A. B. C. da cartilha de Hidraulica Agricola que, ao tratar-se de qualquer projecto de irrigação, seja este o primeiro dado a procurar e determinar.

E, assim, por medição que tivemos enesejo de fazer ha poucos dias, isto é, em pleno periodo de séca, e em companhia do Sr. Balfour, o caudal de estiagem do rio pode ser avaliado em 25 metros cubicos por segundo. Quer isto dizer que se poderão irrigar por simples derivação de agua, uns 20 mil hectares, pois é de boa pratica admitir, na organização de um projecto definitivo, que as culturas a fazer são as de maior exigencia em dotação de rega, como é nestas paragens a da cana sacarina, a qual requer 1 litro continuo por hectare e por segundo. Este cultivo da cana de assucar é tambem, nós assim o supomos, o que melhor se presta a uma ampla e segura colonização, pela exploração individual de pequenas areas servidas por grandes fabricas assucreiras, ligadas ás terras pelo contracto de compra da canna produzida, analogamente ao que, com os melhores resultados, se faz no Natal, e em parte nas Mauricias.

Supomos, todavia, que, no Alto Limpopo a 35 quilometros do Caniçado, haja logar proprio para a construção economica de uma grande albufeira, donde, segundo calculos aproximados e já em estudo definitivo, se poderá obter agua que, adicionada ao caudal minimo do Limpopo, permitirá irrigar uns 40 mil hectares, sendo 30 mil na margem direita e 10 mil na esquerda. Desta forma, e se as sondagens para o estudo das fundações da barragem a que dentro de poucos dias vamos proceder, indicarem a possibilidade de construir um açude economico e estavel, possuir-se-hão os elementos necessarios para levar a cabo um grande e seguro projecto agricola, dentro do, ainda muitas vezes maior, vale do Limpopo.

Realmente teve quasi rasão o insigne Professor e grande Colonial Sr. General Freire de Andrade, qua do afirma, na revista atrás citada, que o regimen do rio é desconhecido. E quasi, porque foram esquecidos os trabalhos de ha dois anos, realizados pelo Sr. Balfour, os quais, supomos, já foram publicados.

Sabe-se bem que não é com a colheita de elementos isolados e afastados em tempo, mas sim com estudos aturados e de muitos anos seguidos que pode fazer-se uma ideia, já não diremos exacta mas aproximada, de um curso de agua, tanto mais quanto é certo que no caso presente se trata de um rio caracteristicamente torrencial.

Porém... que seria de nós, que desde os tempos de Pero de Anhaya, isto é, desde o fim do seculo XV, por aqui andamos a moirer, se não adotassemos o comensinho e unico criterio de dispensar, ou melhor, de suprir as faltas de dados que em qualquer país medianamente trabalhador e cuidadoso, abundam?!

Se seguíssemos o principio de só levar a fim aquilo para que temos ele-

2.^a—As terras deste bloco são acen-tuadamente mais ricas que as de juzante.

Pela sua composição fisica e vegetação expontanea aloitamente se podem comparar ás do Vale do Buzi—classificadas ao lado das melhores do mundo, como as de Ceylão e Hawaii—e mandadas analisar, em 1920, pelo professor Ruy Mayer e pelo signatario, ao estudarem o projecto de irrigação e drenagem de dois blocos de 8 mil hectares de terreno destinados á cultura da cana sacarina e milho, nas concessões da Companhia Colonial de Buzi.

É interessante passar a vista pelos resultados desta analise, e do relatório apresentado em 1920, e em publicação nos Annaes do Instituto Superior de Agronomia, tiramos:

	Composição fisica				Elementos nobres				
	Aveia	Argila	Calca-reo	Humus	Azoto	Acido phosph.	Potassa	Cal	Magnésio
Terrenos do Buzi.....	27 71	68.42	0.75	3 12	0.312	0.198	0.266	0.103	0.121
Terreno normal (para com-paração).....	30.00	30.00	30.00	10.00	0.150	0.150	0.250	0.500	—

mentos seguros, certamente a Edade do transporte ao lombo de preto não estaria no seu ultimo quartel, pois não se teriam construido alguns caminhos de ferro e estradas que a suplantaram, por não haver conhecimento do regimen dos rios para determinação das secções de vasão das pontes!

Dissémos já que se podem considerar no Limpopo três zonas perfectamente distintas sob o ponto de vista agricola. Se os estudos definitivos nos não indicarem a inxequibilidade economica da albufeira e barragem sugeridas, ter-se-ha assegurada a irrigação de 40 mil hectares da zona de montante, que e, dos 3 blocos considerados, o que mais se recomenda para ser intensivamente agricultado.

As razões que no-lo impõem são:
1.^a—fica imediatamente a juzante do unico logar no rio, dentro da area irrigavel, que oferece possibilidade de criação de uma albufeira, obra indispensavel para garantir a rega da superficie de 40 mil hectares:

A analise fisica e quimica das terras irrigadas do Limpopo, consideradas em paralelo com as do Buzi, será apresentada com o projecto definitivo de irrigação e drenagem de 20 mil hectares de terreno que, em colaboração com o Sr. Coronel Balfour, estamos organizando a pedido do Governo da Provincia.

3.^a—A drenagem dos terrenos do Alto Limpopo é de mais facil e economica execução e conservação do que a das terras a juzante do Chibuto. Estas mesmo, encontram-se num estado de alcalinidade tal, em virtude do alagamento em que sempre tem permanecido graças ao configurado do terreno, que só com enorme dispendio em obras de enxugo e de lavoura podem ser trazidas á agricultura.

Acresce a isto que os encargos de custo de tais obras e sua reparação, ou melhor reconstrução no fim das epochas de cheia, devem ser de tal maneira elevados que não haverá exploração agricola que os suporte.

Seromenho, Silveira & Carvalho, L.^{DA}

Codes: A. B. C. 5.eme Edition et BENTLEY'S

Especialidade em conservas de peixe

Fabricas nos melhores sitios de pesca

Fabricações esmeradas

Calçada de S. Francisco, 23, 2.^o

LISBONNE

Especialité en conserves de poissons

Usines sur les lieux de pesche

Qualité choisée

Telegramas: SOSICAR—LISBONNF

Specility preserved fish

Factories on the best fishing spot

Highest quality



Índia

A CULTURA DO COQUEIRO

PELO governo da Província foi incumbido o Técnico Agrícola da Direcção dos Serviços Agrícolas, Florestais e Pecuários, Sr. Dr. Pedro Correia Afonso, de proceder a um estudo sobre a cultura do Coqueiro em Ceilão, que possa servir de base ás medidas a adotar para o desenvolvimento desta cultura e na industrialização dos seus produtos.

A cultura do coqueiro deve constituir uma das principais riquezas da Índia Portuguesa, até hoje em grande parte perdida por virtude da errada tendencia para a exportação dos côcos inteiros, a forma menos rendosa de exploração.

No valioso relatório que elaborou o ilustre técnico estuda a situação actual da cultura e das indústrias do coqueiro na Índia; descreve os processos culturais e de industrialização e os sistemas da sua propaganda em Ceilão, onde existe uma organização verdadeiramente modular; aponta os métodos industriais mais seguidos para o aproveitamento dos produtos do coqueiro, descrevendo as máquinas e ferramentas a empregar, fazendo orçamentos de instalação e indicando os processos modernos de embalagem e transporte; estuda os melhores mercados, as condições essenciais para a boa colocação dos produtos nesses mercados e a capacidade de produção da Índia Portuguesa, terminando por sintetisar numas interessantes considerações as suas maneiras de ver sobre a forma de resolver o problema, que para a Índia tem uma capital importância.

São essas considerações, que a seguir transcrevemos, uma valiosa base do trabalho que ha que realizar e que será certamente proficuo se, como diz o seu autor, for impulsionado por um tenaz esforço de vontade, animado e inspirado por uma politica de fomento caracterizada pela sequencia e pela persistencia, sem arrojões temerarios, mas tambem sem hesitações timidas.

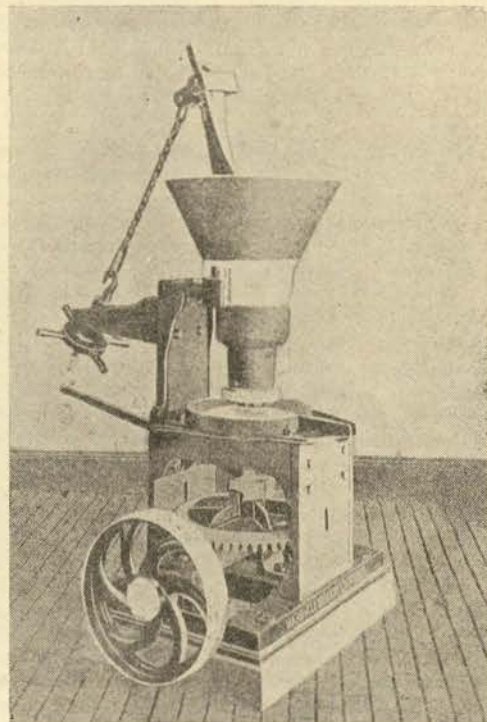
Diz e ilustre relator:

As circunstancias da hora presente que dificultarão o estabelecimento das indústrias dos produtos do côco e as medidas de protecção ou incitamento que é necessario tomar a fim de vencer essas dificuldades, são as seguintes:

Primeira. A ignorancia das nossas possibilidades mesmo pelos proprietarios e capitalistas mais esclarecidos porque não ha da sua parte um desejo genuinamente sentido de melhorar a sua situação, ou se ha, tal desejo não encontrou ainda expressão, como prova a quasi total inação da Associação dos Proprietarios. E' indispensavel uma maior cooperação e uma mais activa correspondencia de interesses entre a Direcção dos Serviços Agrícolas e essa Associação de maneira que os dados praticos apurados pe-

la Direcção e as informações que a Direcção possa pôr á disposição dos agricultores tenham rapido curso e immediata utilidade, por via da Associação.

Segunda. O facto de serem primitivos, inefficazes e anti-economicos os metodos empregados para a aquisição de todos os produtos do coqueiro. Os remedios para esta



Moinho para cofra, tipo «Marshall, Sons & C.º» que com muita vantagem substituiria os rudimentares moinhos indigenas

situação estão sugeridos no presente relatório. Mas n'este logar não será fóra de proposito lembrar que uma condição é, senão essencial, ao menos eminentemente apropriada para acelerar o progresso das indústrias grandes e pequenas: Subordinada á Repartição de Agricultura o Governo poderia ter uma secção tecnica de Indústrias e Comercio com pessoal competentemente habilitado e as instala-

ções necessárias para demonstrar a viabilidade das máquinas recomendadas e a economia dos processos aconselhados e vir em auxílio das indústrias com conselho técnico e instrução práticas, qualquer coisa no genero das Direcções de Indústrias e Comercio instituidas nos principaes centros da India Inglesa não obstante o grande movimento pela compressão de despezas que aí se organisou.

Terceira. A ignorancia das condições dos mercados estrangeiros. As informações cuja publicação a Direcção dos Serviços Agricolas iniciou não podem deixar de ser uteis, mas esta especie de propaganda deve competir ás Associações de Agricultura e Comercio.

Quarta. O contróle da materia prima por negociantes estrangeiros. Contra esta situação o unico remedio eficaz é uma solida Liga dos Proprietarios e a promulgação d'um diploma legal em bases identicas á Lei das Filipinas n.º 2398, de 1916 (*Lei que estabelece uma junta de productos del coco para fomentar la mejora de los productos del coco y que prevé a otros fines*). A effectivação d'uma lei d'esta natureza está mais dependente dos proprios interessados do que de qualquer repartição ou agencia do Estado. É necessario, portanto, que os proprietarios como classe se interessam mais pratica e eficazmente pelos assuntos que lhes dizem respeito.

Quinta. Como já expliquei em outro lugar, as tarifas aduaneiras de alguns paizes favorecem mais a entrada da materia prima do que dos productos manufacturados. Isto marca um certo limite ás possibilidades da produção de oleo mas facilita a exportação de copra e de cairo bruto.

Sexta. Teoricamente falando, as adulterações, a apresentação de mercaderia, que não corresponde a amostra e outras demonstrações de pouca correcção comercial fazem um damno incalculavel ao comercio de qualquer paiz. No que respeita á copra é sabido que o nosso produto que vai á India Inglesa não representa um tipo uniforme mas é uma mistura desvalorizada de diversas qualidades. Em sacas prontas para o embarque, encontrei nada menos de 4 qualidades diferentes. Isto não pode deixar de afectar a nossa reputação e é inadmissivel quando queiramos demandar mercados mais distantes. A venda cooperativa nas condições abaixo descritas, faculta uma maneira sufficientemente eficaz de corrigir este defeito e modificar para melhor a situação.

Setima. Desde que se viu que a produção de oleo, mesmo para o consumo local é pouco economica, segundo os metodos usuaes, temos de introduzir uma maquina mais perfeita. O tipo Anderson e o tipo Smulders realisam esse desiderato. A posse d'uma fabrica pode ser individual ou por associação. No caso de ser individual, o proprietario terá que entrar em contrato com os fabricantes de copra, estabelecendo certas regras e exigindo o fornecimento de tipos definidos. No caso de ser uma associação a proprietaria d'uma fabrica, não basta que seja uma associação de capitalistas; é mais proveitoso que se forme uma associação dos proprios fabricantes de copra, com o compromisso de fornecer copra de certa qualidade em determinadas quantidades, sendo os lueros divididos em conformidade com essa quantidade.

Oitava. A difficuldade com relação á farinha de côco é que o produto é inteiramente desconhecido na India Portuguesa. Sendo, pois, esta uma industria nova, o seu successo dependerá da maior ou menor energia com que um ou mais industriaes a puderem organizar e levar para a

frente. Não acho recomendavel a organização de fabricas cooperativas para a exploração d'esta industria, mas convém que o Governo dê auxilio aos iniciadores no sentido de evitar que ao mesmo tempo varios pretendentes a tentem explorar. Esta industria deveria ficar sujeita a uma licença especial, que o Governo daria a uma ou mais firmas ou companhias que apresentassem condições de solidez e depois afastar sistematicamente a concorrência desleal, recusando mais licenças durante um certo periodo de tempo.

Nona. A questão dos fretes. Como se sabe, e ficou constatado n'este relatório, o elevado custo dos fretes e a falta de transportes paralizou por longo tempo o comercio das oleaginosas. A situação vai, porém, melhorando. Mas será ainda preciso que o Governo providencie no sentido de obter—sobretudo quando se formem associações—um certo numero de facilidades: redução de fretes pelo caminho de ferro e dos direitos de armazenagem, em Mormugão, quando os productos sejam apresentados em certas condições; a devolução gratuita ou a taxas nominaes do vazilhame pela via ferrea ou pelas companhias de vapores, etc.

Décima. O espirito de hesitação primeiro e de imitação á *outrance* depois, que na India Portuguesa leve as pessoas a adoptarem as ideias e a apropriarem-se das iniciativas alheias prejudica os interesses d'estas e atraza o progresso. É urgente a promulgação d'uma lei de *protecção ás primeiras iniciativas*. Tudo quanto se disser sobre a livre concorrência na produção industrial será doutrinarmente correto mas as leis tem de se adaptar ás circumstancias peculiares de cada paiz. Impõe-se tambem reprimir os esforços isolados que a pratica demonstra serem geralmente fracos, por meio de taxas de licenças que sejam proibitivas e fomentar a união de capitales. Uma instituição unica, que tivesse o «contrôle» de varias fabricas, convenientemente distribuidas renderia muito mais aos accionistas e contribuiria mais para aumentar a riqueza do paiz do que todas essas fabricas isoladas, ultra-pequenas e anti-economicas.

A Organização Cooperativa. A produção, manufactura e comercio dos productos de côco por associação cooperativa tem de se subordinar a certas condições indispensaveis. Os membros devem ser estritamente produtores ou manufactores e os seus productos só devem ter destino por via da associação. Depois de separadas as despezas inerentes ao negocio e um juro modico sobre o capital, juro que por forma alguma deve exceder as taxas correntes, os sobejos devem ser divididos *pro rata*; a maior prudencia é necessaria na escolha dos directores. Além de ter um regulamento geral, a associação deve fixar a qualidade do produto, estritamente nos termos indicados no presente relatório, por exemplo, uma percentagem de humidade inferior a 5 por cento no caso de copra, acidez inferior a 2 por cento no caso do oleo, etc. A associação deve ter o direito exclusivo de dispôr do produto nos mercados que o directorio entender convenientes.

No intuito de auxiliar essas associações cooperativas, o Governo estabeleceria padrões, tanto de copra como de oleo; reprimiria a saída de maus tipos nos postos alfandegarios e facilitaria a exportação de bons tipos fixando taxas de exportação correspondentes aos tipos. Para effectivar este desiderato seria necessario, entre outras medidas, introduzir um sistema de certificados passados por um posto de analyses que a Repartição de Agricultura devia ter.

Timor

Algumas considerações sobre a sua organização militar

A saída de Timor da 48.^a Companhia expedicionária de Moçambique, deixando Timor, no que diz respeito a soldados, entregue aos seus próprios recursos leva-nos a fazer algumas considerações e divulgar algumas ideias sobre as necessidades da sua organização militar.

É obvio que a Província não pode estar ao abandono e que a existência de um pequeno núcleo militar é tanto mais necessária, quanto o seu isolamento e afastamento a condenam a ter de aguentar-se com os próprios recursos, bastante tempo, até que chegue o socorro de fóra. Esta evidenciação só é bem sentida por quem tenha estado em Timor em circunstâncias anormais e não contando com outros recursos além de um punhado de homens, umas centenas de armas e uns milhares de cartuchos, já avariados pela humidade tropical.

Em 1918 chegou a noticia da grande offensiva alemã e bombardeamento de Paris; seguidamente as malas holandesas deixaram de tocar e ficamos isolados do resto do mundo. Não havia telegrafo e o signatário, que estava de guarda á Fronteira, teve ocasião de avaliar toda a anciedade que ia na Província pelas inumeras solicitações officiais e não officiais, que passou a receber. Dados os sentimentos germanofilos dos nossos vizinhos convinha não perder de vista a sua guarnição de Beredau, mas a desconfiança era tal, que os preparativos belicos se avolumavam ao passo que se entrava mais em territorio portuguez.

Muito mais afflictiva foi a situação no inicio da revolta de 1912. Temia-se a todo o instante a invasão e saque da capital e tomaram-se medidas para meter a bordo do vapor as mulheres e as crianças. Desta posição pouco comoda se saiu o Governador a golpes de audácia, com que os timores foram iludidos até á chegada dos primeiros socorros: a «Patria» de Macau e uma companhia da Índia, que precedeu as de Moçambique.

Mas visto que falo em socorro de fóra, chamarei a atenção para outra necessidade que não pode descurar-se; refiro-me á possibilidade de Timor poder ir em auxilio da Índia, Macau ou talvez mesmo Moçambique. Era uma ideia familiar no tempo do Imperio do Oriente; topamo-la em todas as crônicas. A organização militar que possamos hoje ter, deve curar do auxilio mutuo entre as varias partes do nosso domínio colonial e a Metropole.

Timor já em 1921 enviou a Macau



Um soldado de infantaria timor na senzala

um contingente de 100 praças da 1.^a e 2.^a companhias indigenas.

Os soldados indigenas foram pela primeira vez recrutados e instruidos quando a 8.^a, 9.^a e 10.^a de Moçambique foram substituidas pela 11.^a e 12.^a da mesma Província. Quando mais tarde estas duas unidades foram trocadas pela 48.^a, creou-se a 2.^a indigena de Timor. Assim, estabelecendo uma compensação, foram aumentadas as

tropas nativas ao passo que faltavam as africanas.

A mudança não se fez sem discussão, que agora é natural ver repetida, ao tratar-se de definitivamente dizer adeus aos africanos.

O official a quem em 1920 o Governador incumbiu a organização da Companhia escrevia então ao signatário dizendo: «Não meu Ex.^{mo} amigo, não nos façamos ilusões, o timor é passivo, sem instintos guerreiros nem qualidades de soldado».

«Poderão bastar-se nas guerras entre si mesmos em que o *casus belli* seja um coqueiro, um barlaque ou um suangue; mas pretender utilisar os fóra desse papel como elemento de valor, é tempo perdido». «A meu ver toda a organização das tropas nativas não pode praticamente ter objectivo diferente das guerras com elles proprios». «Para isso «moradores» de Remington é o «quantum satis».

«Está claro que desta forma julgo indispensavel o auxilio da Companhia de Moçambique».

Respondi-lhe que o ultimo vapor custara mais de 30.000 libras e que se os holandezes, seguramente pelas razões que apontava, mantinham no Imperio das Indias uma legião estrangeira, contudo tambem tinham muitos milhares de soldados, recrutados na Malasia, que não valiam mais do que os nossos timores.

A verdade, porém, é que sob o ponto de vista militar os timores não valem os africanos.

É sobre tudo a falta de dinheiro e a carestia do transporte, que impede a renovação do contingente d'África.

Landins ou macuas, longe da sua terra e no seio de uma população que não morre de amores por eles são uma tropa de absoluta confiança. Mesmo quando um pouco abandonados e dispersos aos 8 e 10 pelos postos do interior, não perdem as fundamentaes qualidades guerreiras e militares da sua raça e conservam um certo apurmo. Em caso de perigo fundir-se-hiam com os europeus num solido bloco.

Nem companhias timores nem melhor armamento os podem substituir com vantagem na manutenção da ordem interna. Não se trata para isso de metralhar os timores, o que seria uma calamidade, mas de conservar o prestigio.

Em Timor não se diz «preto» nem «negro» mas «africano», e isto soa-lhe muito bem aos ouvidos. Dily não teve como Macau ocasião de ver um pretalhão de cofió vermelho, comodamente recostado num «ricksha» e puchado por um relativamente minúsculo «coolie» china; a figura desempenada de um preto infunde contudo certo respeito e a Venus timor não lhe é desafecta. Acontece com os pretos como com os polícias de constituição atlética da «city» ou os «gardiens de la paix», de Paris.

Para se conseguir dos timores alguma coisa util é necessario recrutar-os com cuidado, instrui-los constantemente e tê-los juntos em quartéis, onde se cria o espirito de corpo. Isto exige dinheiro, quadros e tenacidade.

A muito se pode chegar quando ha vontade. Ainda que o Comandante de uma Companhia seja cumulativamente o Comandante Militar de uma região e tenha uma multiplicidade de cuidados e afazeres, desde que tenha como seu braço direito, na Companhia, um tenente com saude, dois ou tres sargentos europeus e cabos indigenas, a instrução e o serviço correm regularmente.

A experiencia ensinou-me mesmo, que este «schêma» é muito mais productor de trabalho util do que quadros completos, mas na inacção e no vicio, e um Comandante de Companhia em conflito com a autoridade administrativa militar ou civil.

O enquadramento completa-se para a guerra ou mesmo para a instrução de um contingente de recrutas, indo buscar europeus aos postos militares.

Assim, não obstante os recursos minguidos da Provincia, se alcança uma organização militar eficiente.

Actualmente, convém, pois, conservar os comandos.

Devo fazer notar que a administração civil só tem a lucrar com isso, pois os postos são servidos por homens novos, robustos e faceis de substituir, quando doentes ou contaminados pela acção anemiant e corruptora do ambiente timor.

Como eles se teem desempenhado desta função, que incumbe a todos os exercitos coloniais, mostra-o Timor, onde quasi todo o existente foi feito por tropas.

Só quando na região houver um grande numero de plantadores, colonos, uma grande massa de iniciativas privadas, me parece que será util mudar para o regimen civil. Pelas ques-

tões de terras e fornecimento de trabalho ás plantações só o Comando de Hato Lia está nestas condições; só aí se faz sentir a necessidade de um trabalho burocratico mais assiduo. A meu vêr ha vantagem em fazer retroceder a organização em Comandos militares, Bacau, Manatuto e Liquiça. A administração civil conduz naturalmente ao desdobraimento e a um consequente aumento de despeza. Os administradores não dispensam um corpo de cypaios, mais caros do que os soldados, e que não suprem a organização militar. Os quadros militares ficam então improduttivos e não podem empregar-se em multiplos serviços.

E' aqui o momento oportuno de desfazer a lenda das despezas militares de Timor.

E' costume avaliar essas despezas

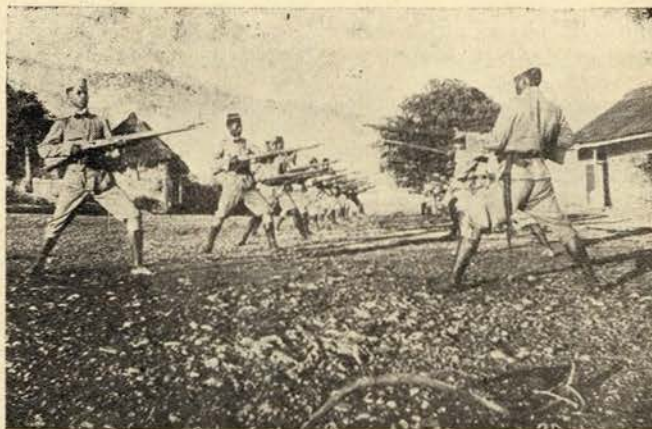
dem manter-se os efectivos reduzidos a que me referi. Não convém alterar o seu numero.

Uma Portaria Provincial de Janeiro de 1921 dividia militarmente o territorio em quatro regiões de occupação e patrulhamento assim designadas:

- 1.º—Timor Leste.
- 2.º—Timor Norte.
- 3.º—Timor Sul ou Contra Costa.
- 4.º—Oekussi.

Esta divisão corresponde a quatro teatros de operações bem distintos estabelecidos pela cordilheira de montanhas que vae da Fronteira a Manatuto e cuja linha de cumiadas se eleva a cerca de 2:000 metros de altitude.

Cada região estaria a cargo de uma companhia. O enclave de Oekussi seria



Escola de esgrima de baioneta por soldados da 2.ª de Timor

pegando num orçamento e olhando para a soma total inscrita no fim do Capt. 5.º. Assim considerado, o Orçamento não tem senão um valor contabilista; uma inspecção desta natureza, com todas as análises superficiais, conduz a erro. O pessoal é apresentado como improduttivo, quando na verdade ele trabalha activamente nos postos, ao serviço da Agricultura, das Obras Publicas, da Fazenda, da Justiça e da Administração Civil.

Mercê deste sistema, até 1919 não havia em Timor uma bôca inutil; tudo trabalhava, militares e civis. Depois com os maiores recursos (que precisamente foram o fruto desse trabalho) é que surgiram as organizações pompas, as auditorias e um corpo de funcionarios, que cingiu o ambito da sua actividade a dois patacos que sobravam (emquanto sobraram) depois de pagos os vencimentos em dia.

Voltarei a referir-me ás unidades de infantaria da guarnição, que disse serem trez.

Continuando a occupação militar po-

guarnecido por destacamentos da 1.ª e 2.ª (Norte e Leste).

Além das unidades de infantaria existe em Batugãle um esquadrão de 2.ª linha para policiamento da Fronteira.

Este esquadrão tem por vezes feito «macaquinhos» e corrido o risco de transformar-se numa coisa cara e inutil.

Creou-o o Governador Celestino, que era oficial de cavalaria. O diploma organico estatue que o seu Comandante é o Comandante da Fronteira, official de qualquer arma, que precisa sobre tudo de saber francez. Os officiais, sargentos e praças são timores; só o 1.º sargento é europeu. A sua missão consiste em fazer patrulhas ao longo de um caminho que bordeja a Fronteira, e onde são frequentes os roubos á mão armada.

Compreende-se que numa terra onde ha tantos cavalitos garranos, que se compravam a 10:000 réis da nossa antiga moeda, se pensasse em montar os homens para conseguir deles um ser-

viço de policia mais activo e aturado no patrulhamento.

Militarmente, não tem valor de maior, pois que quasi todo o paiz tem um relevo de que a nossa Serra da Estrela dá palida ideia.

Em Dily, uma Secção de artilharia, está como as outras unidades reduzida ao minimo: um Comandante (que é cumulativamente o Director do Deposito) um sargento, um quarteleiro e uma duzia de pretos.

O armamento da infantaria é a Kropatchek. Julgo que foram ultimamente adquiridas algumas metralhadoras ligeiras, que são hoje a principal arma do infante. Não faltam elas aos nossos vizinhos.

A artilharia tem canhões K., de bronze, fabricados no nosso arsenal e uma peça japoneza, que se lhe assemelha.

Tenho-me referido ás tropas regulares. Além delas ha os «moradores» cuja tradição tende a apagar-se.

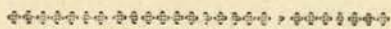
Foi em grande parte com elles que Celestino da Silva fez as guerras de pacificação.

São uma especie de tropa á Ab-Del-Krim, uma milicia formada pelas populações mais cristianisadas em que a povoação dá a esquadra e o Suco a Companhia. Celestino afagava-os, enchia-os de honras e de cartas patentes os seus officiaes.

Em Manatuto, ao escurecer, inumeros tambores rufavam os antigos toques da ordenança, sentinelas eram postadas e ficavam-se toda a noite a bradar áleria. Quando havia oportunidade não faltavam as guardas de honra ou as escolas de Companhia.

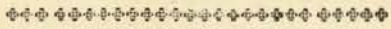
A coesão aumentava-se pela guerra e pelos destacamentos aos mais afastados pontos da Provincia.

Individualmente eram uns maltrapi-



**PROCURAM REPRESENTANTES
— PARA A VENDA DE —
PERFUMARIAS, PASSAMA-
NARIAS E ARTIGOS DE PA-
— — — PELARIA — — —**

Cruz Marinho & Castanheira, Limitada
RUA GOMES FREIRE, 87-1.º—LISBOA



lhos, mas reunidos, não deixavam de ter «élan».

Lembra-me que uma vez, na Fronteira, um tenente holandez de monoculo me perguntou com ar ironico: «Ca? Ce sont des soldats?»

E contudo atraz das bambueiras talvez levassem a melhor contra os seus impertigados soldaditos malaioes.

Os moradores eram mais um elemento com que se contava e que vae perder-se pela injustificada passagem a Circunscrição do Comando Militar de Manatuto.

O «arraial», conhecido na Africa por «auxiliares» ou «guerra preta» entra tambem na constituição das tropas.

E' a chusma armada de zagaia, catana de guerra e espingarda de pederneira. E' uma multidão rapace e devastadora, soffrega de sangue, pilhagem e incendios, que espalha o terror.

Como todas as multidões é muito sujeita ao panico e pouco de fiar se as coisas correm mal.

Maximo Ribeiro Artur.
Capitão

**Companhia Nacional
DE
PRODUTOS COLONIAIS, L. DA**
Rua dos Fanqueiros, 15 — LISBOA
*Tranças sobre cacau,
café, cera, coconote e couros*

Quando as febres palustres deixam de obedecer ao quinino, deve empregar-se a «Paludina», que dá excellentes resultados nas febres palustres-biliosas e perniciosas. Pedir instruções a «Sanit: s» — T. Carmo, 1 — Lisboa.

P. Santos Gil, Limitada

Importadores de Material Telegrafico e Material Ferro-Viário de toda a especie:

LOCOMOTIVAS, ZORRS AUTOMÓVEIS, CARRUAGENS, TRACTORES AGRICOLAS, ETC.

Conserva stocks permanentes para entrega immediata

FABRICANTES | *Koppel Industrial Car & Equipment Co., Ltd.*
Pennsylvania Car and Manufacturing Comp.^a

Secção de construções

Ladrilhos e Azulejos em lindos desenhos e côres Muralo «Murião», preservativos de madeiras em variadas cores, telhas e chapas de asbestos, etc., das melhores marcas.

Secção de Madeiras

Possuimos em armazem, para entrega immediata, madeiras da Provincia das melhores qualidades, em pranchões, barrotos e taboas, assim como travessas para caminhos de ferro, paus para minas, etc.

Secção de Productos

Compramos e exportamos toda a qualidade de productos da Provincia, tais como: Milho, Mapira, Copra, Amendoim etc.

Estancias e Armazens Alfandegados ao Kilo- metro 1 para Deposito de Mercadorias.

Officinas de Serração, Fabrica de Mobiliars, Portas, Janelas, Aros, etc. movidas a Electricidade.

TELEFONES | Escritorio 400
Estancia 493

LCURENÇO MARQUES

NOTICIARIO

Cabo Verde

Foi determinado que até ao fim do corrente ano, não possam ser exportados de Cabo Verde mais de 30.000 kilos de café da produção da colonia, salvo se se reconhecer, pelo manifesto, que as colheitas foram superiores ás do ano passado.

S. Tomé e Príncipe

O governador de S. Tomé pediu, telegraficamente, que seja nomeado para esta provincia um chefe dos serviços de saúde.

Guiné

Em Bissau e em Bafatá as chuvas violentas que caíram ultimamente, causaram numerosos desastres e graves prejuizos.

Muitos prédios abateram, pelo que o nosso presado colega «Pró-Guiné» apela para um maior rigor por parte das Camaras Municipais ao concederem licenças para construções.

Lá, como cá...

Angola

Alto Comissario

O sr. Rego Chaves vai sair de Lisboa, ao que se diz, tratar de assuntos particulares no Alemtejo.

Não deixa porém de haver quem, dizendo que S. Ex.^a tenciona tambem ir a Espanha, queira atribuir a esta viagem intuios officiais, que se prenderiam com qualquer operação de interesse para Angola...

Camara Municipal de Benguela

Espera-se que a proxima eleição camarária seja movimentada.

Segundo o nosso presado colega «O Comercio» de Benguela, «as forças vivas independentes, não querem de maneira alguma que a primeira Camara do Distrito e segunda de toda a Provincia, vá cair nas mãos das grandes companhias ou potentados».

Aguardemos...

Distrito do Bié

O Alto Comissario de Angola nomeiou para o governo do distrito do Bié o sr. José Manuel da Costa antigo chefe da Secção de Colonisação da Repartição Superior dos Negocios Indigenas.

Moçambique

Alto Comissario

Consta que o sr. Azevedo Coutinho sairá brevemente de Londres, a ocupar o seu alto cargo em Lourenço Marques.

Apaz-nos registar o facto, pois não podemos deixar de avaliar os prejuizos que a demora de S. Ex.^a, certamente motivada por assuntos ponderosos e de incontestável interesse para Moçambique, deve causar á Provincia, que se encontra há mais de um ano sem ter á frente da sua administração quem tem de a dirigir.

De «A Colonia» (Lourenço Marques)

«Consta que o sr. dr. Moreira da Fonseca vai apresentar ao Conselho Legislativo um projecto de lei, pelo qual qualquer funcionario que constitua familia, legal ou ilegalmente, com mulheres indigenas, ficará sujeito á pena de demissão.

A exemplo do que se faz em muitas colonias inglesas, onde a mesma pena é aplicada aos funcionarios nessas condições, S. Ex.^a procura assim evitar uma miscelânea que não agrada a gregos nem a troianos.

Louvamos S. Ex.^a, a ser verdade, pela sua iniciativa e esperamos que o Conselho Legislativo dê o seu voto a essa medida, apoiando incondicionalmente o sr. Governador Geral.

Juntamos os nossos louvores aos do nosso presado colega, pois entendemos que uma tal medida é absolutamente indispensável á moralidade que é mister manter na vida da colonias.

Do mesmo periódico :

«No orçamento lá vêm escarrapachadas as 2 mil libras para a missão de estudos de Caminhos de Ferro e que foram enviadas para Londres!

Aquele conselho está a pedir que chovam mós de moinho sem furos, por que tendo-os podem alguns escapar pelos buracos».

India

A situação económica na India

Das noticias recebidas de Pangim, depreende-se ser grave a situação económica na India, ultimamente agravada por algumas medidas adoptadas pelo Banco Nacional Ultramarino. A suspensão de adiantamentos sobre os recibos dos funcionarios, a prohibição de novos empréstimos sobre joias e a restrição da admissão de reformas das letras descontadas, apenas a casos muito especiais e com uma amortisação não inferior a 30 %, alarmaram o comercio que difficilmente conseguirá saldar as suas letras, dadas as difficuldades que, para a cobrança, resultam do atraso nos pagamentos dos ordenados dos funcionarios.

A Associação Commercial reuniu para estudar o caminho a seguir em presença das resoluções do B. N. U., a cujo governador resolveu telegrafar ponderando os inconvenientes que delas resultam.

O sr. Governador Geral dedicou toda a sua atenção, ao estudo desta crise esperando que ela se resolva satisfatoriamente, como convem ao bem estar da India, cuja situação económica está longe de ser normal.

A lingua portuguesa na Universidade de Calcutá

Nesta universidade foi recentemente criado um curso da lingua e literatura portuguesa, sendo a sua frequência facultada, mediante uma pequena propina, a todos os portugueses, mesmo que não sejam alunos da Universidade, e tendo sido escolhido para a reger o sr. dr. Plácido de Bragança e Cunha, que em Calcutá está exercendo a sua profissão de medico e a cujos esforços se deve tal criação.

Pelos esforços empregados e ainda pelo desinteresse manifestado, prestando-se á

regencia gratuita do curso, foi o sr. dr. Bragança e Cunha justamente louvado em Portaria publicada no Boletim Oficial de 2 de Outubro corrente.

Uma greve de «braços caídos?»

O funcionalismo da India tem manifestado descontentamento em presença de certas medidas que entende lesarem os seus interesses e que, consideradas ilegais pelo Governo Central, não foram revogadas imediatamente.

Chegou a projectar-se uma greve de «braços caídos» que, a bem da disciplina da provincia, desejamos não chegue a efectivar-se.

Macau

Governador da Provincia

Já se encontra na Metropole o sr. Rodrigo Rodrigues, que nos ultimos tempos tem sido o governador de Macau.

Consta que S. Ex.^a irá, como delegado do Governo Português á Conferencia do Opio, dizendo uns que não volta a exercer aquele alto cargo e havendo tambem quem diga que terminada a conferencia seguirá directamente a tétom r o governo que tem exercido.

O nosso presado colega *O Combate*, de Macau, comentando a Lei n.º 1622 que concede aos funcionarios publicos naturais das provincias ultramarinas o direito de gosarem na metropole, com as passagens pagas pela respectiva colonia, uma licença graciosa pelo tempo de 6 meses, insurge-se contra a falta de equidade que se cometeu restringindo aquela regalia aos funcionarios de categoria igual ou superior a primeiros officiais, pedindo ao governo da Metropole que seja remediada essa falta.

Sabemos que no projecto apresentado pelo illustre senador por Macau, sr. Francisco Anacleto da Silva, não existia essa restrição que na discussão foi introduzida, e com a qual não concordamos tambem.

Do mesmo semanario transcrevemos com a devida vénia:

«Lemos no *Seculo* o que segue:»

«O governador de Macau telegrafou, dizendo que vem á metropole, embarcando no dia 16, via America, e fazendo a viagem sem dispendio para o Estado por ir representar a colonia no Congresso Economico do Pacifico. O sr. dr. Rodrigo Rodrigues estará em Lisboa em começos de setem-bro».

Sem dispendio para o Estado!!!

Então ele para lá mandou dizer isso?! Pois saiba-se que o sr. dr. Rodrigo não só daqui foi com passagem paga pelo Estado, como até determinou que 80 % dos seus vencimentos fossem pagos em Macau a sua familia, além de levar um abono em libras para a despesa da sua permanencia em Honolulu durante uns 10 dias, e isso logo depois de haver indeferido um requerimento em que um funcionario do Estado, sr. José Vicente Jorge, pedia lhe fosse permitido que uma parte dos seus vencimentos fosse aqui recebida pela familia, para a manutenção desta!...

DESPORTO

ARTUR
INEZ

CAÇA

9 de Setembro de 1924.

Meu presado amigo:

No domingo fui ao rio..... Depois de andar uma hora matei uma palapala (*hippotragus niger*); um ou dois quilómetros mais adiante encontrei uma gondoga (*bubalis lichtensteini*) cuja alma também mandei de presente aos anjinhos. Deixei pretos a tomarem conta na carne dos dois bichos e continuei o meu caminho.

Pouco depois de sair de casa tinha eu perguntado ao Iga novidades sobre

o tal tronco era um leão deitado de papo para o ar! Olhei mais atentamente e vi então que Sua Magestade dormia despreocupado, de pernas e braços abertos. Mandei-lhe um tiro e—confesso-o com vergonha e pena—errei-o. O bicho poz-se num pulo nas quatro patas e desapareceu rapidamente, sem me dar tempo para emendar o tiro. Ora, havia entre mim e o môrro uma moita que não me deixara ver a leão e uma leõesita quasi adulta que faziam companhia ao chefe da real familia.

Ao ouvirem o tiro vieram a correr direitas a mim, o que poz em debandada os pretos que me seguiam, ficando ao meu lado o Iga e atraz de mim um outro preto. Talvez estes tivessem

avisou-me que ela se ia atirar a nós. Não quiz precipitar-me e procurei ver melhor o animal. Vi a cauda chicoteada vigorosamente e elevada por fim no ar. Afirma Selous que quando um leão, depois de agitar a cauda a levanta perpendicularmente á espinha, é infalível carregar. Ocorreu-me a tempo a lição do grande mestre, e atirei de choffre para evitar que o animal desse o salto na nossa direcção. Meti novo cartucho na câmara e levei a arma á cara, pronto a recebê-la o melhor possível quando ela viesse. Felizmente não avançou, vindo-a eu—confesso que com certa satisfação—afastar-se, trotando, para um dos lados. Depressa desapareceu por entre os muitos môrros de «muchem» que no local abundam. Por não haver mais leões á vista, fui examinar o petiz, que caíra todo torcido. Estava bem morto, e não longe dele, mas atraz da maldita moita, via-se uma zebra meio comida, morta naquela madrugada. Os marotos tinham comido uma grande porção de carne—quasi um terço de cada uma das pernas trazeiras; toda a pele e carne do ventre; uma porção consideravel do peito, incluindo costelas e esterno. Creio mesmo que lhes pesava na consciencia o pecado da gula, a avaliar pela posição em que surpreendi o leão e pelas fezes liquidas, negras e de cheiro pestilento que abundavam no local!

O Iga propunha seguirmos immediatamente a leão ferida, ao que me opuz, deixando a perseguição para mais tarde, quando era de esperar que o animal estivesse debilitado com o sangue que fosse perdendo. Tratei primeiro de ir procurar o meu «bush-car», onde trazia cartuchos.

Logo que me apanhei com a cartucheira cheia, voltei ao sitio onde estava o leão morto. Os pretos não se afastavam, formando um grupo compacto atraz de mim, mas logo que um deles reparou que havia ali perto terra remexida de fresco, foram todos abri-la, desenterrando os intestinos e o estomago da zebra que os leões, fieis á tradição, tinham enterrado.

Consultei o Iga sobre a fórma de melhor empregarmos o tempo, e como um dos pretos afirmasse que tinha visto, de cima da arvore para onde fugira, a leão meter-se, coxeando, atraz dum môrro ali perto, resolvemos observar as imediações collocando-nos no topo do morro onde eu vira o leão deitado. Assim fizemos, e comnosco foi o grupo dos pretos, que mais parecia um bando de macacos assustados. Nada vimos, acabando eu por desafiar o Iga



Uma vítima

caça, informando-me ele que um seu irmão tinha encontrado na vespera 4 búfalos numa lagôa (aliás, simples charco) e trez leões no «mussassa a.....», acrescentando que talvez nós fossemos encontrar uns e outros.

Larguei, ia eu dizendo, do sitio onde «faleceu» a gondoga, e não iamso muito longe quando me pareceu ouvir a um dos pretos que me seguia qualquer coisa que não percebi. O Iga, porém, tirou-me de duvidas apontando para um môrro de «muchem» e anunciando:—«Carámo». O môrro estava a uns 60 metros, ou pouco mais, de mim, e a menos de meia encosta vi um tronco sêco, esbranquiçado—pelo menos foi o que me pareceu. Declarei ao Iga que não via leão algum, mas sim o tronco sêco. O homem sorriu-se e afirmou que

ficado por a tal moita lhes ter occultado—como a mim—o avanço dos dois «bichanos». Começava eu a lamentar a pouca sorte do tiro, quando para pouco além da moita, um nada ao lado e a uns 12 ou 15 metros de mim, a leõesita, que ficou logo morta com um tiro que lhe meti no ombro. Apareceu-me por um momento a leão que, evidentemente, não sabia ainda do que se tratava, e que com um pequeno movimento ficou novamente encoberta com a moita. Eu adivinhava-lhe o vulto e atirei-lhe o melhor que pude; nada ouvi depois do tiro, ficando sem saber se a fulminára. Para evitar surpresas desagradaveis fiz novo tiro e vi, vagamente, atravez da folhagem, o animal fazer um movimento rápido e ouvi-o rosnar furioso. O Iga—mais alto que eu—

a ir comigo atraz do rasto da leoa. Tinha ele por unica arma uma azagaia, pois a unica espingarda num raio de muitos quilometros em volta dali era a Mannlicher 9.5 m/m que eu levava. O Iga acedeu prontamente, e já tinhamos encontrado o rasto quando de cima do môrro nos anunciaram um leão á vista. Voltamos a correr e vimos realmente uma leoa marchando resolutamente, a uns 150 metros dali. Não aparentava estar ferida e convencemo-nos que era outro membro da mesma familia que, tendo-se afastado por qualquer razão, vinha procurar os parentes.

Os pretos cochichavam várias opiniões, predominando a de ser a leoa ferida que vinha procurar a filha e vingar a morte desta e o ferimento que recebera. Não havia tempo a perder, pois, embora obliquando um pouco, ela aproximava-se e podia carregar logo que desse pela nossa presença ali. De teste atirar de cima para baixo e, por isso, desci do môrro, encostei as costas a um arbusto para firmar a pontaria e desfechei.

E' difficil descrever os pulos e piruetas que a leoa deu, ao sentir-se ferida. Parou de repente e olhou para mim de lado, mas não teve muito tempo para me admirar, pois uma bala deitou-a abaixo.

Desatou então a rugir com pouca força e, aproximando-me um bocado, meti-lhe uma bala no pescoço que a matou imediatamente.

O dia estava chuvoso, resultando terem ficado más as fotografias que tirei e de que junto uma prova.

Na manhã seguinte descobriram os pretos pégadas dum leão aqui nas imediações da minha casa e garantiram serem do viuvo e pae extremo que nos seguiu. E' possível que assim seja!

Desculpe a insipidez da descrição. Não sei fazer romance nem enfeitar prosa com termos escolhidos e combinados com elegancia.

Crea-me amigo afeito e muito obrigado,

Oinotua Laetoto.

Revista de Fotografias

"FOTO-SPORT"

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

O magazine mais completo

da especialidade

SÉDE: R. Industrias, 7 e 10

LISBOA

Assinaturas para as Africas

10 numeros

33\$00

O desporto em Benguela

O nosso colega O Comercio, excelente periódico que se publica em Benguela, referiu se nos seus numeros 7 e 8, recentemente chegados a Lisboa, á necessidade de se criar em Benguela uma entidade oficial que reja o "foot-ball" local.

Sempre fui pela organização em bases federativas de todos os sports e porisso a ideia me sorri, me é absolutamente simpatica.

Simplemente, essa entidade oficial já existe, mas pelo visto não trabalha e isto é que não está certo. Diz a este proposito O Comercio:

"Tendo se jogado em 10 de Agosto passado a final do Campeonato da A. Foot Ball, ainda não vim's que a direcção da mesma marcasse o dia em que deverá ser, d'acordo com o seu calendario, jogar'o o desafio entre o vencedor do campeonato e o grupo composto dos jogadores dos restantes Clubs inscritos. Entre tanto vae se perdendo o tempo em desafios particulares que nada re-presentam Temos ouvido dizer que ha duas Taças a disputar e que a regulamentação d'esses torneos é a cargo da A. Foot Ball

Não sabemos de que é que esta entidade está á espera".

O que há então a fazer? Crear uma nova Associação?

Mas isto é a confusão, é o cáos e ninguem se entenderá decerto

O caminho a seguir, quanto a mim é obrigar a actual direcção a trabalhar ou, se ela não estiver para isso obrigar-a a demittir se e eleger uma direcção que inicie e reguiamen-te os campeonatos locais

Diz ainda O Comercio que:

"E' preciso que o sport se moralise.

Convem a todos os nossos Clubs entrarem n'uma nova fase que só lhes será favoravel, deixando se de politiquices estereis e muitas vezes prejudiciaes, e conjugando todos os seus esforços para que sejam afastados varios obstaculos que dificultam o bom andamento do sport".

D'acordo absolutamente d'acordo Mas para isso é necessario não estabelecer a confusão porque não é o organismo existente que é mau: são os homens que o orientam.

E sendo assim mudam-se os homens e a questão estou certo disso, modificar-se ha para melhor.

Foot-ball

O segundo dia do Campeonato de Lisboa, que teve lugar no passado domingo, não decorreu brilhantemente. Temos a impressão de que cada vez se joga menos foot-ball...

O Carcavelinhos bateu o Portugal por 2-1, após um jogo falho de beleza, falho de técnica... falho de foot-ball...

Com o mesmo resultado de 2 1, o Belenenses, num jogo melhor, mas sem que causasse espanto a ninguem, bateu o Bemfica, que se apresenta este ano bastante desfalcado.

Tiro

Brilhantissima sessão de tiro a de domingo passado, a que concorreram officiaes espanhóis.

Assistiu o sr. Presidente da Republica e demais elemento official.

Triunfou, e brilhantemente, a equipe espanhola, apenas por uma diferença de 21 pontos.

No fogo a 200 metros, os espanhoes fizeram 517 pontos e os portuguezes 480, tendo-se Calvet, chefe da equipe do país visinho, revelado um atirador de classe inimitavel.

No fogo de rajada a 300 metros, a victoria foi de Portugal, que fez 136 pontos, enquanto a Espanha fez 118.

Por estes resultados se constata o progresso feito pelos nossos atradores, que tendo, perdido em S. Sebastian por 150 pontos, perderam agora apenas por uma diferença diminuta, 21 pontos, como dizemos acima.

Os espanhoes ganharam, assim, a artistica e valiosa Taça Republica Portuguesa.

Digno de todos os elogios o major sr. Pereira Coelho, director da Carreira de Pedrouços e os officiaes seus auxiliares pela ordem e método que imprimiram ás provas.

Box

Dizem-nos que o sr. Rosa Brito, proclamado campeão dos meios pesados, quando se encontrava em Africa... sem encontrar ninguem, exigiu ao Comité Organizador de Combates 25 contos para se exhibir em publico.

Eu não sei a ideia que faz o sr. Rosa Brito do seu valôr e do nosso meio de box.

Exigir 25 contos para se apresentar em publico é pedir mais que Ledoux, que pediu 15.000 francos para vir a Lisboa.

O sr. Rosa Brito ou está doído, ou aquilo subiu-lhe á cabeça.

A não ser ainda que não quira combater, o que é natural...

ARTE

RD. CARLOS AMARO : : : : :
 LUIS MOITA : : : : :
 JOSÉ AUGUSTO MELO VIEIRA

TEATRO — LITERATURA — MUSICA — PINTURA, ETÇ.

TEATRO

BILHETE POSTAL

Meu Querido Colono:

Se Você estivesse agora em Lisboa, eu tomava-lhe o braço e levava o comigo áquele 2.º andar da Praça dos Restauradores onde o sr. Augusto Lima construiu um teatro com ripas e roxo-rei. Famos os dois para o promenoir, e Você havia de me dizer, depois de ver a magica dos conhecidos Brimedes, Bostos, Ro rigues e Rolão, e tendo compulsado ainta o público encantador que acotovelava connosco, se afinal de contas não é melhor reflectir antes de afirmar catedraticamente o que venha a ser a ultima palavra em teatro, ou, melhor ainda, em que nivel se encontra a expressão mais correcta desse difficil e tão variado genero de literatura.

E isto pela simples razão de que Você gostava do Bolo Rei e, sem dar por isso, ria com aquella gente da geral, de quanto disparate e graça esse amontoado de quadros sem elabulação suggeria aos seus olhos e satisfaria o fundo prazenteiro e bonacheirão que Você tem. Eu tambem ria consigo, aqui lh'o confesso lealmente, e para que Você não esteja a descafr o bricho e desdenhosamente me chame snob entre parentesis. Ria, porque não ha nada mais salutar do que o riso, mesmo quando provocado artificialmente, em plena neurastenia citadina. Ria e sonhava com a magica á maneira das do antigo Trindade, riso piegas, sonho infantil, cheiroso a sabonete, tal como riu o publico patusco que eu vi no Eden quando lá fui sonhar e rir, mesmo sem a sua companhia...

Meu Querido Colono: apreender a vida em todos os seus aspectos, amala em todas as suas expressões, eis a pluralidade de vistas que, se se não consegue pela psicologia—é tão bom ser excessivamente humano, pôde ao menos atingir-se pela intelligencia. A vida é feita da gama que vai desde o movimento vesgo da naldade á luxuria policroma do sonho e todo ele é sempre um producto sensual. Porque não admitir e bemdizer tudo



BEATRIZ DELGADO

Ha quem veja na arte da fememina um sintoma de decadencia. Talvez haja um pouco de rasão nesse ponto de vista. A verdade é que, sem decadencia ou com ela, a Arte, esse producto de Belesa, tão fememina, está sempre bem nas mãos, nos olhos, na boca de uma mulher. A mulher creadora será menos que a mulher interprete? Talvez... Beatriz Delgado, creadora de versos amorosos é perfeita...

Como interprete de teatros, onde ha bem pouco ainda debutou, deve ser divinamente superior. A sua belesa e a sua graça são os melhores conductores da sua intelligencia. A poetisa foi interessantissima. Quanto mais interessante não será a actris, circunscrevendo o seu talento adentro da gama psicologica de figuras recortadas na fememilidade que Beatriz Delgado possui requintadissima?

L. M.

aquilo por onde a humanidade caminha, mesmo os seus deíctos? O domingo é o dia da semana em que se esquecem os deveres e se lembram os pecados. Pecar, sonhar de vez em quando é necessário á quimica da vida. E sempre que se não tenha occasião de poder subir á torre ideada simbolicamente pelo Construtor Soluess, do Absen. que mal faz faze-lo até o 2.º andar do Eden-Teatro e voltar, quarenta anos atraz, aos tempos em que Lucifer tinha violencias de maldade, pele encarquilhada e chifres, ao contrario dos actraivos legantes e da voz tão docemente feminina que agora lhe emprestou a sr.ª Julieta Soares?

O Bolo Rei é uma magica feita com sinceridade, como um comboio de lata. Ha ali muita coisa da vida, muita coisa mesmo que já estava inventada, Mas tem sinceridade. Não se arrelica, não é pretenciosa, não quer ser mais do que é. E neste come, o de epoca d'inverno, essa grande qualidade fica sozinha, i olad, unica, ali por cima da Farmecia Formosinho.

Eis porque, seu amigo fil, eu desejava leva-lo lá, meu Querido Colono, e obriga-lo a fechar por momentos esse Jean Gabriel Borkmana de que me falava a sua ultima carta Antes o Bolo Rei meu amigo... O que seria de si, da sua fé de colonisador, se esses octos no-roegueses se lembrassem de sair do livro amarelo da casa Perrin e se fossem instalar ali no Teatro Nacional, em toda a sua sublime violencia?

LUIS MOITA.

Impressões

"O senhor publico"

Tenho por toda a gente uma certa consideração — a consideração que cada um me merece — e pelo senhor Publico aquela consideração especial a que elle tem direito...

O senhor Publico, êsse, é que não tem consideração nenhuma por mim nem, valha a verdade, por ninguem, parecendo-me mesmo que está a perdê-la por si proprio...

Mas que querem? Nêste movimento da vida moderna como pode haver tempo para cuidar de ninhariss...

O senhor Publico resolve ir ao teatro. Vai á bilheteira, compra o seu bilhete e porque hoje é mais caro que

dantes e o espectáculo não é melhor imagina que o acrescimo de preço é o pagamento do direito de ser mal-educado...

E entra tarde, a incomodar quem veiu a horas, faz gemer as ferragens das cadeiras, tosse, arrasta os pés e lá por meio do acto está instalado a conversar com alguém...

A's vezes leva a familia toda o para o camarote — ainda ha dias no Apolo eu vi isto — e lá para as tantas o bebé, porque lhe falta a chucha ou está molhado, desata num berreiro que o senhor Publico, que está no seu camarote, não faz cessar...

Se vai ao animatografo, o senhor Publico, além de entrar tarde, usa sublinhar com a sua efusante graça e os seus finissimos ditos de espirito certas e determinadas passagens dos films...

Nos numeros de variedades — nos bailados, principalmente — é ouvi lo naquêlo enternecido comentario aos meneios dos artistas...

Um encanto o senhor Publico.

Quanto a nós — o isto é opinião antiga que o tempo mais vai radican-do — a culpa de muita coisa que se vê e se passa no teatro é mais da plateia que do palco...

Na realidade que ideia se ha-de formar de quem procede como o senhor Publico usa proceder?

Urge — é mesmo absolutamente necessario — que se mude de procosos... para bem de todos...

Creemos que não está revogada uma disposição do governo civil de Lisboa — ou melhor da Inspeção dos teatros — sobre horas de entrar para a sala de espectáculo e bem assim sobre admissão de crianças na mesma sala. E' só não nos esquecermos dela...

Quanto ao restó, já que isto de educação se não faz com regulamentos, é lembrar a quem preside aos espectáculos que o senhor Publico com o seu bilhete apenas tem licença para ver o espectáculo e nunca para tomar parte nele...

JOAO SILVESTRE

Segundo os ultimos trabalhos scientificos pode curar-se a tuberculose, com a «Palmol». Pedir instruções á «Sanitas» T. Carmo, 1, Lisboa.

ESPECTACULOS

S. LUIS — A sr.ª Palmira Bastos, ora vestida de *Maria Antonieta*, ora de *Feiticeira*, querendo remoçar as velhas peças dos tempos de Eugéne Sue.

POLITEAMA — *O homem do pagão*, um novelo de linhas espanholas, embaraçado.

AVENIDA — Felix Bermudes, João Bastos, Ernesto Rodrigues com uma opereta ou *vaudeville* a que chamaram simplesmente *O poço do Bispo*.

APOLO — *Os mineiros*, peça dos tempos em que se sentia já a falta que faria o animatografo.

EDEN — Um enorme *Bolo Rei*.

MARIA VICTORIA — *O Rés Ves* tornado loucura circular.

COLISEU — Grande companhia de circo.

SALÃO FOZ — Salada russa, ou, variedades em conjunto.

CHIADO TERRASSE — Fitas e fados á guitarra. Espectaculo destinado a erguer o succedaneo do *londom* em unica e despotica canção nacional.

MANTUA, Ltd.



29 a 37
Calçada de S. Francisco
LISBOA

Fabrica de Aqua Oxygenada

PEROXHYDRIL



De todas a melhor
L. B. Bandeira de Melo
Escritório: Rua Augusta, 75-1.º

LISBOA

Telefone—C. 2670 Telegramas—Algodão

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde — LISBOA — Rua do Comercio
Agencia — LISBOA — Cais do Sodré

Capital social: Esc. 48.000:00\$000 Capital realizado: Esc. 24.000:000\$00
Reservas: Esc. 34.000:000\$00

FILIAIS NO CONTINENTE — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regua, Santarém, Setúbal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Trás-os-Montes, Vizeu

FILIAIS NAS ILHAS — Funchal (Madeira), Angra do Heroísmo e Ponta Delgada (Açores)

FILIAIS NAS COLONIAS — AFRICA OCIDENTAL — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshasa (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango

AFRICA ORIENTAL — Beira, L. Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo

INDIA — Nova Gôa, Mormugão e Bombaim (India inglesa) CHINA — Macau TIMOR — Dilly

FILIAIS NO BRASIL — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus

FILIAIS NA EUROPA — Londres, 9 Bishopsgate E. — Paris, 8, rue du Helder

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS — New-York, 93, Liberty Street

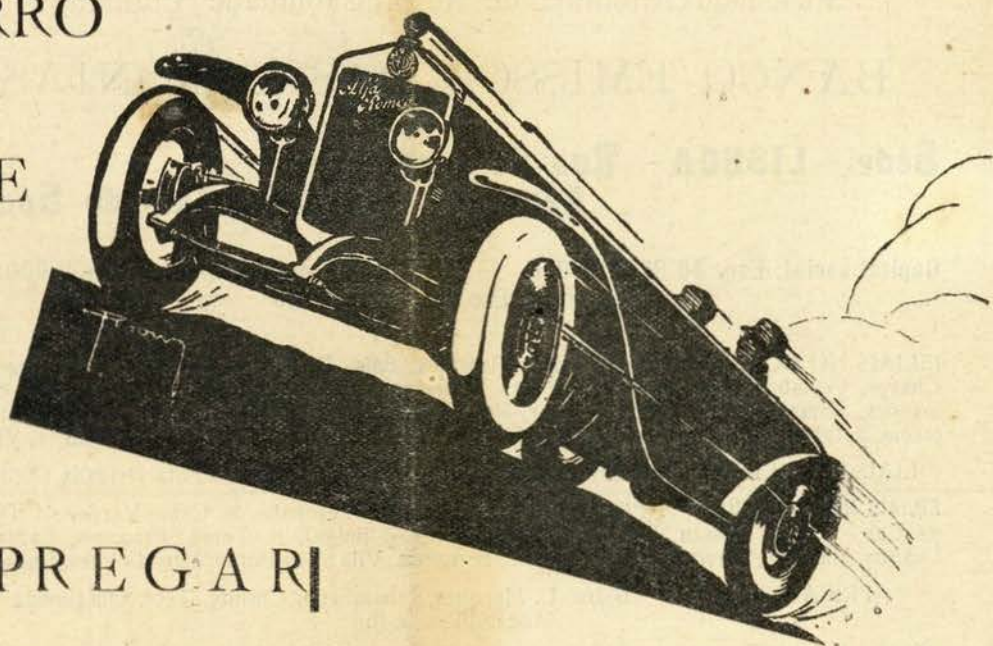
Operações bancarias de toda a especie no continente, ilhas adjacentes, Colónias, Brasil e restantes países estrangeiros

A VELOCIDADE

NUNCA FALTARA AO

CARRO

QUE



EMPREGAR

Auto-Gazo

A MELHOR

GAZOLINA

VACUUM OIL COMPANY